

Escrevivência em autoras negras: Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e Livia Natália

Magno Francisco Sátiro Catão¹

A Escrevivência, termo cunhado por Conceição Evaristo, denota as particularidades de uma escrita atravessada pela vivência das mulheres negras. Nesse processo, em que pese a subjetividade do texto estar imersa numa experiência individual, essa última alarga-se e atinge uma espécie de memória coletiva direcionada a toda autoria negra feminina. Segundo Fonseca (2020, p. 65), a escrita nesse contexto ultrapassa uma performance meramente contemplativa e adota uma perspectiva política, sendo “uma potência sígnica capaz de balançar os alicerces de uma ordem literária instituída”. Ainda, para essa autora, esse termo “passa a significar a expressão de uma subjetividade negra feminina que tanto pode valer-se de estratégias discursivas próprias à revelação de um eu negro, quanto anunciar uma voz coletiva que assume as experiências femininas negras” (FONSECA, 2020, p. 65).

De acordo com a própria Conceição Evaristo, a Escrevivência “extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado”; ela surge enquanto “uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre” (EVARISTO, 2020a, p. 38). Para ilustrar essa ideia, a escritora remete-se a Oxum e a Iemanjá: assim, no abebé (leque em forma circular com espelho no centro) de Oxum, seria recuperado um rosto, uma individualidade mutilada pela colonização e demais opressões; quando a individualidade é finalmente reconquistada, surge o abebé de Iemanjá, em que outros rostos e individualidades são percebidos e é revelada “a nossa potência coletiva, nos conscientiza que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para o acolhimento de nossos outros corpos”.(EVARISTO, 2020a, p. 39). Para Duarte (2005, p. 307), “a narrativa de Conceição Evaristo filia-se, portanto, a esse veio afrodescendente que mescla história não-oficial, memória individual e coletiva com invenção literária”.

Outro traço marcante dessa Escrevivência é o afeto pela representação da oralidade, marcada em toda a escrita de Conceição Evaristo. De acordo com ela, a imagem fundante do termo é a Mãe Preta, mulher negra escravizada que cuidava dos filhos dos senhores e contava a eles histórias de ninar. Foi “nesse gesto perene de resgate dessa imagem” que Conceição encontrou a “força motriz para conceber, pensar, falar e desejar e ampliar a semântica do termo (Escrevivência)” (EVARISTO, 2020a, p. 30). A Escrevivência se consubstancia, assim, num ato de subversão da escrita das mulheres negras: antes, a “potência de emissão” dessas

¹ Mestre em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduando em Letras - Licenciatura Português/Espanhol pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

mulheres também era dominada pelos escravocratas; hoje, no entanto, essa escrita pertence a elas mesmas, mas sem esquecer a oralidade dos seus ancestrais, da Mãe Preta.

Ainda, essa oralidade imiscui-se dentro de uma escrita cuja função é a apreensão do mundo, e não o seu domínio, pois o domínio não é capaz de traduzir a experiência das mulheres negras. Dentro da escolha semântica da apreensão, Conceição deseja “aproximar a linguagem escrita o mais possível da linguagem oral”, “a dinâmica das palavras pronunciadas no cotidiano, as que movimentam a vida e não as que dormem no dicionário” (EVARISTO, 2020a, p. 37).

Além disso, é imprescindível dizer que outro aspecto fundante da escrita de Conceição Evaristo é a ancestralidade, espalhada por toda a sua obra. No texto “Da grafia-desenho da minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita”, percebemos, como o próprio título prenuncia, uma apreensão do mundo regida também por suas ancestrais. É assim que a sua primeira experiência com a escrita veio a partir de um gesto antigo da sua mãe, que “de cócoras, com parte do corpo quase alisando a unidade do chão, (...) desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas” (EVARISTO, 2020b, p. 49).

Ao longo do texto, somos convidados a refletir como a sua experiência fundou a sua escrita. Mulher, negra, pobre e pertencente a uma família de lavadeiras, foi pelo estudo e nas partilhas com outras mulheres de sua família que Conceição teceu seus primeiros passos em direção ao que ela mesma chama de “potência de emissão”, do fazer da sua escrita e da qual ela não pode apagar, mas ressignificar, não na busca pelo domínio, mas na compreensão do mundo.

Um dos poemas da autora que mais ilustram a presença ancestral em sua obra é o famoso “Vozes-Mulheres”, em que o eu lírico evoca um estado de potência de entendimento das próprias raízes. Nele, lemos:

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos

pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoar versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.
(EVARISTO, 2017, p. 24-25)

Nos versos “a voz de minha bisavó/ecoou criança/nos porões do navio./ Ecoou lamentos/ de uma infância perdida”, vemos que o poema é iniciado pela experiência da bisavó, algo muito acentuado pelo uso do verbo “ecoar” no pretérito perfeito do indicativo. Além disso, é muito ilustrativo o uso desse verbo, porque denota uma enunciação que se repete, ressoa, talvez porque represente imgeticamente um sofrimento coletivo, isto é, a “infância perdida” não só de sua bisavó, mas de todo um povo. O fato de a voz ecoar nos “porões do navio” identifica um silenciamento dessa emissão, um tolhimento.

De forma muito parecida, as vozes de sua avó e de sua mãe também ecoariam; e cada silenciamento dessas vozes é modulado de acordo com a experiência do espaço-tempo em que estão inseridas: a voz que ecoaria “obediência/aos brancos-donos de tudo”; e a voz maternal, cujo eco se daria “baixinho”. Entretanto, paulatinamente, vamos notando as distinções geracionais diante da opressão imposta pelos brancos: se a voz da avó ecoava obediência, a de sua mãe, conquanto apenas um rumor – “baixinho” –, agora exprime “revolta”.

Quando o eu lírico fala sobre si mesmo, vemos agora uma alteração no tempo verbal – “ecoar” –, que agora transmuta-se para o presente do indicativo. No entanto, o silenciamento vivido por suas ancestrais parece persistir, pois o eco se faz nos “versos perplexos/com rimas de sangue/e/fome”. Esse silenciamento é enfatizado pelo uso do advérbio “ainda”, modulando a opressão que perdura.

Na voz da filha, vemos uma alteração de percepção, uma vez que a ação inicial dessa voz não reincide no verbo “ecoar”: agora, ela “recolhe”, o que sugere colher para si as vozes,

outrora dispersas – e também silenciadas –, das suas ancestrais: “a voz de minha filha/recolhe todas as nossas vozes/recolhe em si/as vozes mudas caladas/engasgadas nas gargantas”. Mais à frente, na última estrofe, nessa voz, “se fará ouvir a ressonância/O eco da vida-liberdade”, é dizer: na filha, pelo recolhimento da experiência ancestral, como que falando por si e por quem veio antes, o eco será livre, e não mais silenciado.

Não apenas na poesia podemos perceber a Escrivência de Evaristo. O romance Ponciá Vivência também se mostra como um exemplo desse termo cunhado pela autora. Embora Ponciá tenha as particularidades da sua própria vivência, ela estabelece uma memória coletiva com outras mulheres negras. Ela traduz uma vida marcada por perdas (inclusive dos seus setes filhos, que morreram logo após o nascimento) e resistência, perdas e resistência essas que não começam com ela mesma, mas, sim, com seus ancestrais, assim como no poema “Vozes-mulheres”: “Crescera na pobreza. Os pais, os avós, os bisavós sempre trabalhando nas terras dos senhores. A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos” (EVARISTO, 2020c, p. 70).

Ponciá também reflete a esperança destruída, a mulher negra que migra para a cidade em busca de uma melhor vida, mas, em vez disso, continua com uma jornada marcada por exploração e violência: “Ela mesma havia chegado à cidade com o coração crente em sucessos e eis no que deu. Um barraco no morro. Um ir e vir para a casa das patroas. Umas sobras de roupa de alimento para compensar um salário que não bastava” (EVARISTO, 2020c, p. 70). Para Duarte (2006, p. 306), a escrita de Conceição, diante desse contexto, ganha um tom paródico, pois, em vez de uma trajetória ascendente, um romance de formação ao estilo de Goethe, a personagem é marcada por perdas, caracterizada por “passado e presente, recordações e devaneios”.

A experiência feminina de Ponciá é acentuada pela violência de seu próprio marido, que a espanca constantemente, incapaz de lidar com a melancolia e as lembranças de sua mulher. Ele também sofre uma espécie de embotamento emocional, sem nunca relatar seus sentimentos para a própria esposa. O corpo violentado é o de Ponciá, mas ele dialoga com tantos outros corpos femininos, e sobretudo negros, vítimas de violência doméstica.

Segundo Duarte (2006, p. 307), Ponciá Vivência “segue os passos de Conceição Evaristo, também esta herdeira de uma forte linhagem memorialística existente na literatura afro-brasileira.” Para ele, Conceição compartilha uma tradição também de Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis, em que prepondera a narrativa dos explorados pela sociedade, mas que, conquanto explorados, também são detentores de plena consciência crítica sobre o que acontece em seu entorno.

A Escrivência de Conceição Evaristo, pelo já dito, torna-se um lugar de identificação quando nos deparamos com outras obras de mulheres negras. Carolina Maria de Jesus, nessa toada, tem um tom memorialístico também coletivo, igualmente marcado pela precariedade da moradia e de outros bens materiais, pelo fantasma da fome, pela opressão pelos brancos e pela resistência. Em “Quarto de despejo”, apesar de todas essas agruras, a escrita também é usada como uma forma de apropriação, de reconhecimento do seu lugar de enunciação, antes dominado pelos outros (brancos). Desse modo, a favela é descrita por ela mesma, isto é, em seu cotidiano, sem estereótipos ou romantizações. Como preconiza Lopes (2021b), “‘Quarto de Despejo’ é um livro marcado pelo retrato sem retoques de uma realidade de miséria e de descaso social. O cotidiano da favela é descrito de uma forma particularizada, tão particularizada que só poderia ter sido feita por alguém que lá vivia”.

O Diário de Carolina consistia na sua esperança de ascensão social, algo que deixa transparecer ao longo de várias páginas. A sua Escrivência seria o seu modo de esperar por uma vida mais digna, diante de um lugar cuja pobreza também era constantemente denunciada por Carolina, assim como a ausência do Estado e de políticas públicas. Confrontada por um tenente que diz que a favela é um lugar pouco propício aos seus filhos, pois estimula a delinquência, Carolina ironicamente reflete: “Se ele sabe disto, porque não faz um relatório e envia para os políticos? O senhor Janio Quadros, o Kubstchek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades (JESUS, 2020, p. 29).” E acrescenta, ponderando sobre a sua própria condição social: “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças (JESUS, 2020, p. 29).”

O amor pela escrita e o valor que tem em sua vida são também descritos por Carolina em seu poema “Sonhei”, em que a voz enunciativa em sonho deseja, na sua morte, estar coberta de livros, em vez de flores (JESUS, 2022):

Sonhei

Sonhei que estava morta
Vi um corpo no caixão
Em vez de flores eram livros
Que estavam nas minhas mãos
Sonhei que estava estendida
No cimo de uma mesa
Vi o meu corpo sem vida
Entre quatro velas acesas

Ao lado o padre rezava
Comoveu-me a sua oração
Ao bom Deus ele implorava
Para dar-me a salvação
Suplicava ao Pai Eterno
Para amenizar o meu sofrimento
Não me enviar para o inferno
Que deve ser um tormento

Ele deu-me a extrema-unção
Quanta ternura notei
Quando foi fechar o caixão
Eu sorri... e despertei.
(JESUS, 2022)

É na escrita que Carolina recupera a sua subjetividade, é o lugar onde ela olha o abebé de Oxum e reconhece o seu próprio rosto, a sua individualidade rejeitada por tantos em virtude da sua cor, gênero e pobreza. Nesse processo, Lopes (2021a) alega que “Carolina torna-se sujeito de si mesma, uma vez que põe no papel seus dramas e angústias, seus medos e frustrações; e através dela torna-se sujeito social ao retratar a pobreza e a miséria presente no ‘quarto de despejo’”.

Lopes (2021a) ainda pondera sobre a consciência de Carolina ao perceber que uma mulher ao escrever torna-se uma ameaça, uma vez que a escritora recusa um pretendente porque assume que ele não admitiria uma esposa que tem afeto pelas letras. Assim, a “inserção de um homem em sua vida pode ser vista como uma ameaça, a partir do momento em que esse se configura como elemento de dominação capaz de paralisar o seu processo de afirmação enquanto mulher, mãe e escritora” (LOPES, 2021a).

A Escrivência de Carolina Maria de Jesus insere-se, portanto, numa estratégia de renúncia ao seu lugar socialmente imposto, de denúncia da pobreza, da miséria e da fome. A partir da escrita, ela se afirma enquanto sujeito, detentora de sua própria narrativa, não buscando o domínio do mundo, como diria Conceição Evaristo, mas a fim de apreender o mundo que a circunda.

Uma escrita moldada pela vivência negra feminina também é notada na escritora Livia Natália. Em seu poema “Onde o espelho?”, a autora mobiliza experiências individuais em torno de traumas de todo um povo:

Onde o espelho?

Para minhas irmãs negras
Este cabelo que lhe vai liso sobre a carapinha,
é o simulacro infeliz do que não és.
(Ao vestir-se com a pele do inimigo
o que de ti silencia e se perde?

Quantos animais conhece
que assim o fazem senão para reagir?)

Este cabelo pesa desfeito sobre sua carapinha.
Veste-a como um manto impuro
abafando o preto caracolado
sobre si dobrado:
filosófico.

Os fios se endurecem como cavalos açotados,
e bradam da morbidez desta couraça
que te mascara branca.

Este cabelo requeimado e grotesco
sepulta o que em ti há de mais belo.
A dobra também é uma forma
de Ser.
(SANTOS, 2021b)

Nos versos “para minhas irmãs negras/Este cabelo que lhe vai liso sobre a carapinha,/é o simulacro infeliz do que não és”, a autora usa o abebé de Iemanjá, nos dizeres de Conceição Evaristo, para se perceber enquanto um sujeito coletivo, que necessita compartilhar sua dor, e resistir sobre ela, com suas irmãs negras, algo acentuado pelo próprio título: “Onde o espelho?”. No excerto “este cabelo requeimado e grotesco/sepulta o que em ti há de mais belo./A dobra também é uma forma/de Ser”, Livia Natália incita outras mulheres negras a viverem na plenitude do seu ser, a partir da resistência perante uma experiência traumática para muitas meninas crespas: a rejeição do seu cabelo afro pela sociedade e a exclusão dos padrões de beleza. É interessante notar a palavra “Ser” iniciada em maiúscula, porque alude à plenitude de uma existência antes silenciada.

A Escrivência da autora também é acentuada pelo caráter de resistência feminina, como no poema “Osun Janaína”:

Osun Janaína

Descobri que, para mim,
ser mulher basta.
Para puxar véus,
Levantar saias
Pintar as unhas de vermelho feroz –
mesmo que seja só para depois dizer: para.

Ou ver a dança des-contínua do seu corpo
sobre o meu (o meu oposto)
Pelo espelho que se emancipa
das paredes deste quarto
e desta tarde delicada.

Mas sempre ser mulher basta:
Posto que é inteiro e vão,

onda que bate na pedra e se despedaça
apenas para voltar inteira
– afogada –
num mar de (in)diferenças
onde cada gota solitária e única
forma um discurso descomposto,
cambiante,
plural:
Mesmo quando me atiro sobre esta pedra,
que me rechaça.
(SANTOS, 2021c)

Nos versos “descobri que, para mim, ser mulher basta./Para puxar véus, levantar saias/Pintar as unhas de vermelho feroz -/mesmo que seja só para depois dizer: para”, há uma reafirmação da sexualidade e desejo femininos. Esse devir, para Carlos Sobrinho (2021), é um contraponto à moralidade judaico-cristã, “o ser feminino então se desnuda e encarna o desejo, sempre tão represado.” Na terceira e última estrofe, parece haver uma reafirmação dessa sexualidade, porque, conquanto atirada sobre a pedra, que a “rechaça”, “ser mulher basta”, num movimento de águas – movimento este acentuado pelos vocábulos “onda”, “gota” e “mar”, implicando um diálogo com o título (“Janaína” é outro nome para a deusa do mar, Iemanjá).

Essa resistência e alusão ao desejo dialogam de maneira pungente com alguns poemas de Conceição Evaristo. No poema “Fêmea-fênix”, a mulher reafirma-se perante a sua sexualidade: “Vivifico-me eu-mulher e teimo,/na vital carícia de meu cio,/ na cálida coragem de meu corpo,/no infindo laço da vida,/que jaz em mim/e renasce flor fecunda./Vivifico-me eu-mulher./Fêmea. Fênix. Eu fecundo.” (EVARISTO, 2017, 29) . No poema “Eu-mulher”, Conceição retoma a força feminina: “Eu fêmea-matriz./Eu força-motriz./ Eu-mulher/abrigo da semente/moto-contínuo/do mundo.” (EVARISTO, 2017, p. 23).

No poema “Negridianos”, Livia Natália remete-se à existência de dois mundos opostos, separados por um “negridiano meridiano”, em que se encontram o preto e o branco:

Negridianos

Há uma linha invisível,
lusco-fusco furioso dividindo as correntezas.
Algo que distingue meu pretume de sua carne alva
num mapa onde não tenho territórios.

Minha negritude caminha nos sobejos,
nos opacos por onde sua luz não anda,
e a linha se impõe poderosa,
oprimindo minha alma negra,
crespa de dobras.

Há um negridiano meridiando nossas vidas,

ceifando-as no meio incerto,
a linha é invisível mesmo:
mas nas costas ardem,
em trilhos rubros,
a rota-lâmina destas linhas absurdas que desenha
enquanto eu não as enxergo.
(SANTOS, 2021a)

Nos versos “há uma linha invisível,/lusco-fusco furioso/dividindo as correntezas./Algo que distingue meu pretume de sua carne alva/num mapa onde não tenho territórios”, o eu-lírico aborda a desterritorialização do sujeito negro, que vive às margens do sistema. Essa desterritorialização é acentuada pela negritude que “caminha nos sobejos,/nos opacos por onde sua luz não anda”, é dizer, o “sobejo” representa o que se excede, algo que sobra depois de se ter sido retirado – ou, no caso do poema, violentado, oprimido.

A linha que promove o exílio negro é “invisível”; no entanto, esse invisível é capaz de oprimir a “alma negra”. A tessitura dessa linha é agressiva, porque ceifa as vidas do sujeito negro, arde nas costas. Sua rota, por sua vez, fere, pois é de lâmina. Quando chama a atenção à invisibilidade da desterritorialização do corpo negro, o eu lírico pode apontar para o próprio apagamento dessa violência e, mais ainda, pelo seu aspecto traiçoeiro, pois, se é difícil enxergá-la, é também custoso reagir a ela.

Constatamos em Livia Natália, dessa forma, uma poética profundamente caracterizada pela percepção do seu corpo negro, ou melhor, do seu corpo negro e feminino. A resistência se funde em seus versos e há uma Escrivência no abebé de Iemanjá, isto é, uma enorme consciência da voz enunciativa enquanto mulher negra e, portanto, possuidora de uma dor e luta coletivas.

REFERÊNCIAS

CARLOS SOBRINHO, Antônio. **Das águas de negra cor: uma leitura lírica de lívia natália.** uma leitura lírica de Livia Natália. 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/570-das-aguas-de-negra-cor-uma-leitura-da-lirica-de-livia-natalia-antonio-carlos-sobrinho>. Acesso em: 04 set. 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, n. 14, p. 305-309, jan. 2006.

EVARISTO, Conceição. Escrivência: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **A Escrivência e seus subtextos**. Rio de Janeiro: Mina, 2020a, p. 26-47.

EVARISTO, Conceição. Escrivivência: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita**. Rio de Janeiro: Mina, 2020b, p. 48-58.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vivência**. Rio de Janeiro: Pallas, 2020c.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrivivência: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrivivência: a escrita de nós**. Rio de Janeiro: Mina, 2020, p. 58-73.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Sonhei**. 2022. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafrro/24-textos-das-autoras/66-carolina-maria-de-jesus-sonhei>. Acesso em: 04 set. 2023

LOPES, Elisângela. **A importância da leitura e da escrita para Carolina Maria de Jesus: uma análise do seu quarto de despejo**. uma análise do seu quarto de despejo. 2021a. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafrro/29-critica-de-autores-feminios/1024-a-importancia-da-leitura-e-da-escrita-para-carolina-maria-de-jesus-uma-analise-do-seu-quarto-de-despejo-elisangela-aparecida-lobes>. Acesso em: 04 set. 2023.

LOPES, Elisângela. **Denúncia e reflexão no Quarto de Despejo**. 2021b. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafrro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/1025-denuncia-e-reflexao-no-quarto-de-despejo-elisangela-lobes>. Acesso em: 02 set. 2023.

SANTOS, Livia Maria Natália de Souza. **Negridianos**. 2021a. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafrro/autoras/24-textos-das-autoras/567-livia-natalia-negridianos>. Acesso em: 04 set. 2023.

SANTOS, Livia Maria Natália de Souza. **Onde o espelho?** 2021b. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafrro/autoras/24-textos-das-autoras/568-livia-natalia-onde-o-espelho>. Acesso em: 04 set. 2023.

SANTOS, Livia Maria Natália de Souza. **Osun Janaína**. 2021c. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafrro/autoras/24-textos-das-autoras/566-livia-natalia-osun-janaina>. Acesso em: 04 set. 2023.